

João Luís Marques

Resumo

O presente artigo procura revelar um dos três projectos de igrejas paroquiais desenvolvido por Fernando Távora na década de 1960. “‘igrejas para a comunidade’ um projecto do arquivo de Fernando Távora – Igreja Paroquial Senhor dos Mares, Nazaré” espelha o modo como foi pensada e trabalhada a relação igreja/cidade em meados do século XX, do ponto de vista urbanístico e arquitectónico. Propõe-se uma leitura integrada do processo de trabalho, dando a conhecer o modo como o arquitecto Fernando Távora interpretou e desenvolveu, na tão característica praia da Nazaré, o programa renovado de igreja paroquial que então emergia – um espaço de acolhimento e hospitalidade, dedicado à liturgia e à pastoral, um centro que respondia “às mais nobres necessidades e aspirações dos homens do nosso tempo: *‘desejo imperioso de vida comunitária; ânsia de verdade e autenticidade; desejo de passar do superficial ao que é central e essencial; ambição de clareza, luminosidade e visibilidade; veemente anelo de silêncio e paz, de calor e segurança’*”.

in programa de construção da igreja paroquial Senhor dos Mares, Nazaré 1965.

Enquadramento

O material apresentado é fruto da investigação de doutoramento em curso. A vontade de fazer um estudo aprofundado do projecto para a igreja paroquial “Senhor dos Mares – Nazaré” conduziu ao arquivo de Fernando Távora presente na Fundação Instituto Arquitecto José Marques da Silva, onde se encontravam os desenhos e os escritos do processo. O espólio do arquitecto permitia contar parte da história, contudo, o natural decorrer da investigação conduziu a outros fundos que permitiram uma leitura mais abrangente que agora se apresenta.

Agradecimentos:

ao Arquivo da Confraria da Nossa Senhora da Nazaré,
ao Arquivo do Movimento Renovação de Arte Religiosa – Fundação Calouste Gulbenkian,
à Biblioteca da Nazaré,
à Câmara Municipal da Nazaré,
à Direcção Geral do Território,
à Fundação Instituto Arquitecto José Marques da Silva,
ao Secretariado das Novas Igrejas do Patriarcado de Lisboa, em especial aos arquitectos Diogo Lino Pimentel e João Alves da Cunha, na disponibilização e selecção do material do arquivo.

‘Igrejas para a comunidade’ um projecto do arquivo de Fernando Távora – Igreja Paroquial Senhor dos Mares, Nazaré

prólogo

“Praia da Nazareth é um centro de excursões admiráveis (...)

O Mar...

Encosta a cima...

Da ponta do milagre a grande perspectiva...

É como um largo presépio branco até ao mar...

Três minutos até à praia...

De manhãzinha, as ruas, são painéis medievais...

E o mercado, nos dias bons, tem tudo...

Desde pequeninos, eles e elas, se vestem como os pais...

Há silhuetas que lembram figuras fenícias...

A praia...

Como uma enorme renda, carinhosamente se guarda a rede...

Além da grande rede, usa-se a linha...

Quando os entendidos dizem que o mar está bom...

Partem os barcos para o mar

E, com um pouco de fé...”¹

1 In filme *Nazareth, Praia de Pescadores e Zona de Turismo* de José Júlio Leitão de Barros. O filme estreou-se no cinema S. Luís (Lisboa), a 23 de Janeiro de 1929. Hoje, resta somente a primeira parte deste filme mudo rodado na praia e no Sítio da Nazaré. No ano seguinte Leitão de Barros roda na Nazaré mais um filme *Maria do Mar* (1930).

Eram estas as palavras dos separadores de cenas do primeiro filme mudo de Leitão de Barros rodado na Nazaré. No final da década de 1920, Leitão de Barros realizava um dos primeiros registos etnográficos da pitoresca vila piscatória, um filme vulgarmente conhecido por *Nazareth, praia de pescadores*. O filme não só retratava o dia-a-dia de pescadores, varinas e crianças, como procurava registar a relação destes com o lugar natural e urbanizado em que habitavam, tudo visto pela sensibilidade de um cineasta cuja formação nas Belas-Artes tinha contemplado alguns anos em Arquitectura. Talvez por isso não falem imagens de ruas estreitas perpendiculares ao mar, nem do contraste do negro dos trajes femininos sobre a branca cal das casas. O filme mostra a vida agitada nos dias de mercado, assim como o rebuliço nas partidas e chegadas das embarcações à praia, “um delicioso recanto da nossa terra, no que tem de primitivo, tradicional e indemne a certos atentados da civilização...”². Leitão de Barros procurou a autenticidade da vida do dia-a-dia da vila, tal como fariam muitos fotógrafos e foto-jornalistas ao longo de toda a década de 1950, de Henri Cartier Bresson a Mário Novais.³



1. Nazaré, vista geral, fotografia Estúdio Mário Novais, 194?-5?

As imagens panorâmicas que se disfrutam ao subir de ascensor, que ali existe desde o fim do século XIX ligando a praia ao Sítio, tornam evidente o potencial turístico daquela estância balnear em forma de meia lua, e daquela “povoação de pescadores com carácter compacto”⁴

² In “Cinéfilo”, suplemento do jornal *O Século*, 26 de Janeiro de 1929.

³ O interesse pela Nazaré foi também captado pela objectiva de vários fotógrafos internacionais que no pós II Guerra Mundial e durante toda a década de 1950 fotografaram a vida daquele povoado de pescadores, nomeadamente Stanley Kubrick em 1948; Henri Cartier Bresson em 1955; Edouard Boubat em 1956; Jean Dieuzaide e Bill Perlmutter em 1958. No panorama nacional destacam-se os fotógrafos Mário Novais e o nazareno Álvaro Laborinho.

⁴ In *Arquitectura Popular em Portugal* (1961). Lisboa: Associação dos Arquitectos Portugueses, 1988 (3.ª edição), p. 143. / Curiosamente, a equipa de Nuno Teotónio Pereira, António Pinto de Freitas e Francisco Silva Dias, responsável pelo Inquérito à “zona 4 – Estremadura, Ribatejo e Beira Litoral”, não dá grande destaque ao conjunto urbano da Nazaré, ainda que apareçam um total de seis fotografias dispersas da Nazaré. O olhar dos arquitectos focará outros aglomerados piscatórios, nomeadamente o conjunto de Sesimbra e as construções de madeira nas praias do litoral, Tocha e Mira.

e traçado tão regular. O elevador era promissor do desenvolvimento de uma estância balnear a duas cotas, a da praia de banhos e a do núcleo histórico e patrimonial em torno da Ermida da Memória, do Santuário e Confraria Real da Nossa Senhora da Nazaré.⁵ Se, por um lado, o ascensor, sinal de modernidade e progresso, era um atractivo turístico, era simultaneamente a ligação do povo piscatório ao seu santuário e ermida, tradicionais lugares de prática e de devoção religiosa. À cota baixa, existiam apenas duas pequenas capelas, situadas no topo norte da vila, no sopé do promontório do Sítio frente à praia, a dedicada à Nossa Senhora dos Aflitos junto ao edifício da capitania e outra dedicada a Santo António erguida por iniciativa dos pescadores.⁶

As filmagens de Leitão de Barros não se ficam pelo mero registo etnográfico da portugalidade.⁷ Ainda que o filme se encontre incompleto, os 15 minutos de duração, assim como o título integral do filme de 1929, antecipavam a discussão política da Nazaré ao longo de todo o século XX, que seria espelhada em projectos concretos, nomeadamente o de Fernando Távora.

Nazareth, praia de pescadores e zona de turismo...

“A Nazaré é incontestavelmente uma terra que interessa ao turismo.

Não sendo uma localidade aonde as obras de arte abundam, forçoso é encontrar em outros motivos, a causa mater que origina este movimento de forasteiros que se vem verificando de há anos para cá.

A quase inalterabilidade dos costumes da nossa gente, e os panoramas que se disfrutam de qualquer ponto que escolhamos para miradouro são factores importantes que na verdade impressionam aqueles que nos visitam ou que aqui permanecem e que não nos deixam sem levar documentadas pela imagem, as impressões que obtiveram ao nosso contacto.

Mas isto que já é bastante *não é tudo*.”⁸

Dando continuidade aos esforços iniciados no século XIX, a agenda municipal da Nazaré em meados do século XX procurava, por um lado, dar resposta às necessidades da população piscatória aí residente, por outro, promover condições e infra-estruturas para o desenvolvimento do turismo, visto como sinónimo de progresso e prosperidade económica. Assim

5 Para além do conjunto patrimonial de natureza religiosa, localiza-se no Sítio a praça de Touros, equipamento de carácter recreativo. A construção da actual praça de touros (1897) e do ascensor (1889) são infra-estruturas que estimularam a expansão da vila e criaram um pólo de atração turística, no final do século XIX.

6 Capela da N.ª Sr.ª dos Aflitos (1760), Capela de St.º António (1861).

7 O gosto pela etnografia expresso nas filmagens de José Júlio Marques Leitão de Barros (1896-1967) teve tradução noutras áreas artísticas, nomeadamente no campo da cenografia. Leitão de Barros organizou diversos cortejos históricos e marchas populares na capital durante a década de 1930. Leitão de Barros foi ainda secretário-geral da Exposição do Mundo Português, Lisboa, 1940, evento promovido pelo Estado Novo que marcou uma “inflexão monumentalizante e celebrativa no discurso da estética modernista” (Ana Tostões, 1994).

8 In “Servir o Turismo e Servir-se do Turismo”, *Nazaré – Boletim da Liga dos Amigos da Nazaré* n.º 34, Ano IV, Novembro 1959, p. 1-3.

sendo, e seguindo a prática comum à data⁹, foi encomendado um primeiro estudo do antepiano geral da urbanização da Nazaré, ao arquitecto Ignácio Perez Fernandez¹⁰, em 1945.

Passados dez anos, o estudo é entregue ao eng.º Barata da Rocha. Das peças escritas, no ponto intitulado “Religião”, consta que:

“Na praia existe uma capela, a de Santo António, na parte Norte, que foi reconstruída totalmente há cerca de dois anos. É muito pequena para o culto; pelo que se prevê a construção de uma nova Igreja para a qual já existe terreno adquirido pelo patriarcado, compreendido entre as ruas de Sub-Vila, a dos Barrancos e a Estrada Nacional.

O local é hoje ligeiramente excêntrico, mas ficará dentro em breve no centro da povoação.”¹¹

O terreno em causa tinha sido adquirido pelo Patriarcado de Lisboa em 1949, possivelmente à margem de qualquer plano urbanístico. Desta forma a Igreja assegurara um lugar para uma estrutura paroquial que servisse as populações da praia da Nazaré. Tratava-se de um terreno vazio de construção situado entre a vila antiga e o, então recente, bairro da casa dos pescadores¹² – um terreno difícil, com pouca frente de rua e com um desnível acentuado, sobre o qual Fernando Távora escreveria anos mais tarde:

“A forma do terreno, a sua pendente, variando entre as cotas 10,00 m e 24,00 e ainda o seu envolvimento por edifícios, alguns recentes, outros antigos, dificultam muito o seu aproveitamento; quanto àquele último aspecto deve referir-se a sensação de terreno interior, dando sobre traseiras de vizinhos, que o local apresenta quando visitado. Apenas o mar, ou o Sítio, vistos das cotas mais altas, quebram um pouco a tristeza que a paisagem ali próxima ali proporciona.”¹³

9 Durante a década de 1940 surge uma série de planos urbanos para a Costa Litoral, destaque para os que procuravam dar resposta a um impulso turístico, nomeadamente os das praias mais próximas da Nazaré: Antepiano da Praia de Vieira de Leiria, arq. Cristino da Silva, 1945; S. Pedro de Moel, arq. Lima Franco, 1947; Plano Parcial de Urbanização S. Martinho do Porto, arq. António Egêa, 1946.

10 Ignácio Perez Fernandez (1910-1989), arquitecto foi, entre 1951-59, presidente do Sindicato Nacional dos Arquitectos, período em que foi realizado o Inquérito à Arquitectura Regional Portuguesa. Anteriormente, em 1948, tinha a seu cargo os estudos dos planos urbanísticos para: Alvaiázere, Batalha, Gouveia, Nazaré, Porto de Mós, Sardoal, Seia. Como arquitecto projectou ainda as igrejas paroquial de Riachos (Torres Novas, 1948) e da Silveira (Praia de Santa Cruz, 1955).

11 ROCHA, A. S. Barata da. “Memória Descritiva e Justificativa”, in *Antepiano de Urbanização da Nazaré – 2.º estudo*, Maio 1956. Arquivo DGT.

12 Seria neste bairro, situado no topo da Avenida Vieira Guimarães (ligação da estrada nacional N242 à praia), que foi erguida a terceira capela da Praia da Nazaré. Esta capela, parte integrante do edifício da sede da Casa dos Pescadores (actual Câmara Municipal), construída a par das casas económicas, ambas promovidas pela Junta Central das Casas dos Pescadores (JCCP), entre 1938-1945 (datas do projecto do Ministério das Obras Públicas e do final da segunda fase de ampliação do bairro).

13 TÁVORA, Fernando. “Memória Descritiva e Justificativa”, in *Igreja Paroquial Senhor dos Mares, Ante-projecto*, Janeiro 1966. FIMS-SI-FTávora.

(....) *nos dias bons, tem tudo ...*

No Antepiano Geral de Urbanização de 1956, para além da proposta moderna de rectificação de traçados de arruamentos existentes, que previa a demolição de uma série de habitações de modo a permitir a fácil circulação automóvel no interior da vila, pode ainda ler-se a intenção de dotá-la de um conjunto de edifícios e espaços públicos localizados a sul da área consolidada. Os bombeiros, a polícia, as escolas, o mercado, a zona de desporto e recreio e a Câmara Municipal são alguns dos edifícios, existentes ou propostos, que ficariam próximos do terreno do Patriarcado de Lisboa. A intenção de aí construir uma igreja foi anunciada publicamente aquando da visita pastoral do cardeal Cerejeira em 1955.¹⁴ Alertava então o urbanista para que o plano definitivo fosse “cuidadosamente elaborado não só para atender às relativamente difíceis condições topográficas locais como também porque se supõe de muito interesse condicionar a sua forma de maneira a não afectar consideravelmente o panorama que se disfruta e disfrutará da zona onde se preconiza a construção do novo edifício da Câmara Municipal”.¹⁵



2. Ante-Plano de Urbanização da Nazaré, Barata da Rocha, 1956

A localização e a proximidade dos dois edifícios públicos e dos espaços públicos adstritos projectados, igreja com o adro envolvente (à cota baixa) e paços do concelho com praça em frente (sobranceiro ao anterior), foram tema de debate nos jornais e publicações periódicas da vila. Da leitura do boletim *Nazaré*, da Liga dos Amigos da Nazaré (organização

14 “A ideia de construção de uma Igreja Nova já foi apresentada por Sua Eminência (o Senhor Patriarca), publicamente, quando visitou oficialmente a nossa paróquia no dia 23 de maio de 1955.” In *Velas ao Alto*, Agosto-Setembro 1958, p. 2.

15 ROCHA, A. S. Barata da. “Memória Descritiva e Justificativa”, in *Anteplano de Urbanização da Nazaré – 2.º estudo*, Maio 1956. Arquivo DGT.

pró-turismo), percebe-se que a construção da igreja é encarada como mais uma obra de “melhoramento”, de “desenvolvimento”, de “interesse e de atração”, tratada com o mesmo à vontade com que se debatem “hotéis, porto de abrigo, defesa do traço, urbanização, teatro de amadores, folguedos na Foz”.¹⁶ Por outro lado, a leitura do boletim paroquial *Velas ao Alto* evidencia a missão primeira da igreja construída, a de estar próxima da população a que serve. Seguem-se alguns excertos que ilustram bem este debate:

“À nossa terra não faz falta uma catedral com a magnificência que lhe é adstrita, mas faz muita falta uma igreja onde tenham lugar todos aqueles que desejam e sentem a necessidade de estar presentes ao culto. (...) a nova construção deverá fazer-se em local que lhe empreste maior grandeza possível – basta a natureza do intento para justificar – e não em local que possa dar a impressão de se querer esconder como coisa má.”¹⁷

“As igrejas têm uma missão bem definida a que se tem de atender, que é a de facilitar aos cristãos a frequência aos actos religiosos, ora não seria solução aceitável atirar com a Igreja, por exemplo para o meio do pinhal, porque a ser assim não seria necessária, temos duas qual delas a mais bela, uma na Pederneira e outra no Sítio. E dentro da vila, ainda não descobrimos melhor local, do que o adquirido pelo Patriarcado.

Devo entretanto dizer que o ante-projecto que já começou a trilhar os caminhos oficiais se for aprovado prevê uma Igreja que encherá de alegria todos os que se interessam pela valorização da Nazaré. Vista da Primavera¹⁸ parecerá talvez ter sido construída dentro de um poço, mas isso é defeito da vila; vista porém de frente (do lado do mar) ela vai surgir com uma imponente singular devido ao estilo em que será feita, às duas lindas torres que a encimarão e à imponente escadaria que lhe servirá de acesso.”¹⁹

(...) as ruas, são painéis medievais ...

O documento mais antigo do processo da nova Igreja da Nazaré, presente no arquivo do Patriarcado de Lisboa, é uma cópia de uma carta de 10 de Fevereiro 1961, dirigida ao pároco da Pederneira Pe. Manuel Martins²⁰. Nela encontramos um relato da primeira audiência do

16 In “Apontamentos – Igreja Nova”, in *Nazaré – Boletim da Liga dos Amigos da Nazaré* n.º 16, Ano III, Maio 1958, p. 2.

17 Ibidem.

18 O lugar da Primavera situa-se a nascente da vila, junto ao entroncamento das duas estradas nacionais, a N240 (S. Martinho do Porto – Marinha Grande) com a N8-4 (Nazaré – Alcobaça).

19 In “Jornal da ‘Liga’ – Igreja Nova”, in *Velas ao Alto – Boletim paroquial* n.º 19-20, Ano II, Agosto-Setembro 1958, p. 2.

20 Pe. Manuel Martins (1928-2001), ordenado em 1953, inicia a sua actividade pastoral como coadjutor da paróquia da Pederneira (Nazaré), foi pároco e reitor do santuário da Nossa Senhora da Nazaré entre 1957-1975, período em que é feita a encomenda do projecto de arquitectura para a nova igreja a Fernando Távora.

Pe. Manuel Falcão²¹ com o cardeal patriarca de Lisboa – D. Manuel Gonçalves Cerejeira. A propósito das Novas Igrejas a construir na diocese, o patriarca “referiu-se expressamente ao caso da (futura) igreja paroquial da Nazaré, mostrando interesse que se leve por diante a sua construção”²², seis anos após a visita à Nazaré em que tinha tornado pública a intenção de aí construir tal igreja. A igreja Nazaré surge assim como um dos primeiros trabalhos do Secretariado das Novas Igrejas do Patriarcado (SNIP).

Na resposta o pároco informa o Pe. Manuel Falcão que a encomenda ao arquitecto Vasco Regaleira²³ tinha sido feita pelo anterior pároco, Monsenhor Fialho,²⁴ e o então presidente da Câmara Municipal, Dr. Luís Faria²⁵. O Pe. Manuel Martins pouco terá interferido no processo, tendo-se limitado a enviar o anteprojecto da igreja dedicada ao Sr. dos Mares ao Patriarcado para orientação e apreciação pela Comissão de Arte Sacra (CAS). O Patriarcado reprovou o anteprojecto do arquitecto Vasco Regaleira. Sugeriu o ofício de reprovação²⁶ que o programa e o projecto da Igreja da Nazaré fossem feitos de novo, uma vez que a “remodelação do ante projecto era de todo impossível”.²⁷ Relativamente ao nome do arquitecto deixava-se em aberto a possibilidade de manter o nome inicial ou de o substituir. Perante o desconforto gerado pela reprovação do projecto, o arquitecto Vasco Regaleira assume a sua estranheza dado “antagonismo que existe entre o programa inicial e o referido parecer”, reitera a recusa em elaborar um novo estudo para a igreja “que não seja nos moldes tradicionais”, condição que desde início lhe havia sido posta, discordando em “absoluto dos argumentos apresentados, da sua parcialidade e da doutrina neles contidos”.²⁸

21 Pe. Manuel Falcão (1922-2012), licenciado em Engenharia Mecânica pelo Instituto Superior Técnico, foi ordenado sacerdote em 1951. Foi o primeiro director do Secretariado das Novas Igrejas do Patriarcado (SNIP), fundado pelo cardeal Cerejeira em 1961. Viria a ser bispo auxiliar de Lisboa e bispo emérito de Beja.

22 In correspondência de 10 de Fevereiro de 1961, dirigida a Pe. Manuel Martins. Arquivo SNIP.

23 Vasco Regaleira (1897-1968), arquitecto formado pelo Royal Institute of British Architects, destacou-se no campo de arquitectura religiosa pela sua produção de forte carácter historicista e tradicionalista. À data da encomenda da igreja da Nazaré, Vasco Regaleira já com 60 anos, tinha construído as catedrais de Nova Lisboa (Huambo – Angola, 1943-45) e de Bissau (Guiné Bissau). No Patriarcado de Lisboa contava, então, com as seguintes igrejas construídas: Santo Condestável – Campo de Ourique (Lisboa, 1948-51) e de S. João de Brito – Alvalade (Lisboa, 1951-55), de N.ª Sr.ª da Conceição (Caldas da Rainha, 1950-51), N.ª Sr.ª da Purificação (Aveiras de Cima, 1953-59), S. Sebastião (Vimeiro – Alcobaça, 1954), N.ª Sr.ª de Fátima (Carregado, 1956). A sua obra contempla ainda projectos para diversas instituições religiosas (seminários, colégios, e conventos) em território nacional e colonial.

24 Monsenhor José Jorge Fialho (1880-1957) foi pároco da Pederneira e reitor do Santuário da N.ª Sr.ª da Nazaré entre 1941-1957, tendo encomendado o projecto a Vasco Regaleira.

25 Luís Filipe Rodrigues de Faria foi presidente da Câmara Municipal da Nazaré entre 1955 e 1958.

“Deixa o Dr. Faria atrás de si uma obra indiscutível que muito veio contribuir para a valorização turística e comercial da Nazaré. O abastecimento de água, os esgotos, a praça, a estrada marginal e tantos outros melhoramentos.”

In “Câmara Municipal”, in *Velas ao Alto – Boletim paroquial* n.º 24, Ano II, Janeiro 1959, p. 2.

26 In ofício n.º 107/59 do Patriarcado de Lisboa, emitido a 12 de Outubro de 1959, referido por Pe. Manuel Martins (carta para o Pe. Manuel Falcão) em 13 de Fevereiro de 1961. Arquivo SNIP.

Não foi possível localizar o ofício e o projecto de Vasco Regaleira no Arquivo Histórico do Patriarcado.

27 MARTINS, Pe. Manuel, (carta para o Pe. Manuel Falcão), 13 Fevereiro 1961. Arquivo SNIP.

28 Ibidem.



3. Igreja do “Senhor dos Mares”, ante-projecto de Vasco Regaleira, 195?, alçado principal

Vasco Regaleira, tido para alguns como referência na construção de igrejas, tinha no início da década de 1950 visto a sua obra ser alvo de críticas; vejam-se as opiniões tão divergentes a propósito das “tradicionais” igrejas dos “modernos” bairros da capital: a do Santo Condestável (Campo de Ourique 1948-51) e a de São João de Brito (Alvalade, 1951-55).

“Só a sensibilidade ligada a um poder interior de formação religiosa dum artista, como é de facto, Vasco Regaleira, podia dar-nos a espiritualidade dum templo como o do Santo Condestável, onde um perfeito conjunto de simetria, eurtmia, ornamentação e contraste e onde a verdade do Evangelho se erguem como um hino de luz à vida.”²⁹

“Todos nós reconhecemos que a arquitectura da nova igreja de S. João de Brito, pelo seu aspecto, se não coaduna nem com os tempos que correm nem com o ambiente geral do Bairro de Alvalade.”³⁰

Ora a obra deste arquitecto gerava alguma controvérsia, principalmente quando construída na capital. Em 1953, um grupo de jovens estudantes ligados ao meio da JUC-Juventude Universitária Católica organiza em Lisboa uma exposição que apelava à necessidade urgente de renovação da

29 OLIVEIRA, A. Lopes de. “Nas colmeias da arte: o sentido arquitectural português na obra de Vasco Regaleira”, in *Novidades – Letras e Artes*, 19 de Agosto de 1951, p. 3.

30 In abaixo-assinado, redigido por Nuno Teotónio Pereira, enviado ao cardeal Cerejeira a propósito do projecto para a Igreja S. João de Brito, na sequência da publicação do artigo “O que vai ser em Lisboa a igreja de S. João de Brito – ouvindo o arquitecto Regaleira”, in *Novidades – Letras e Artes*, 26 de Agosto de 1951, p. 4.

arte sacra indo ao encontro do “espírito do Evangelho: Pureza, Verdade, Pobreza e Paz”.³¹ Ao mesmo tempo que aponta possíveis caminhos de abertura (ilustrando com exemplos da história, de obras modernas da Europa Central e de algumas experiências portuguesas isoladas), denuncia a generalizada fraca qualidade da arquitectura religiosa de produção nacional. As obras de Vasco Regaleira (entre outras) ilustravam o painel intitulado “O pastiche aparece entre murmúrios de aprovação mas acaba entre as gargalhadas do futuro”.³² A “exposição de arquitectura religiosa contemporânea”, organizada numa das paróquias de elite da capital, S. Nicolau, tinha despertado o interesse pela temática na comunicação social e nalguns dos seus 3000 visitantes contabilizados, entre os quais importantes figuras do Clero e do Estado,³³ alguns ligados à história que estamos a contar: Cardeal Cerejeira, Pe. Manuel Falcão, Mário Novais (fotógrafo), Ignácio Perez Fernandez (presidente do Sindicato Nacional dos Arquitectos), Diogo Lino Pimentel (estudante de arquitectura e futuro director técnico do SNIP), Joaquim Cabeça Padrão.

A exposição marcava o início de uma luta aberta por uma arquitectura religiosa autêntica e verdadeira, uma luta que seria encabeçada pelo Movimento de Renovação da Arte Religiosa (MRAR) que ganhou a adesão de organismos eclesiais e político-culturais, como o Patriarcado de Lisboa e a Fundação Calouste Gulbenkian.³⁴

Aprovar o projecto da igreja nos “moldes tradicionais” de Regaleira, para um contexto tão delicado e sensível como era a Nazaré no final da década de 1950, poderia significar mais uma frente de batalha e de contestação. Não deixará de ter interesse lembrar que, na mesma década de 1950, Ruy Jervis Athougua (1917-2006), contemporâneo de Fernando Távora (1923-2005), tinha visto o projecto da Pousada da Nazaré de matriz vincadamente racionalista, chumbado pelo SNI – Secretariado Nacional de Informação, Cultura Popular e

31 In catálogo/manifesto da *Exposição de Arquitectura Religiosa Contemporânea* (Galeria de S. Nicolau, Lisboa, 16 Abril – 10 Maio 1953) promovida por Nuno Teotónio Pereira, João de Almeida, António Freitas Leal, João Correia Rebelo, José Maya Santos, Henrique Albino e João Braula Reis, nomes que viriam a fundar o Movimento de Renovação de Arte Religiosa (MRAR) em 1956.

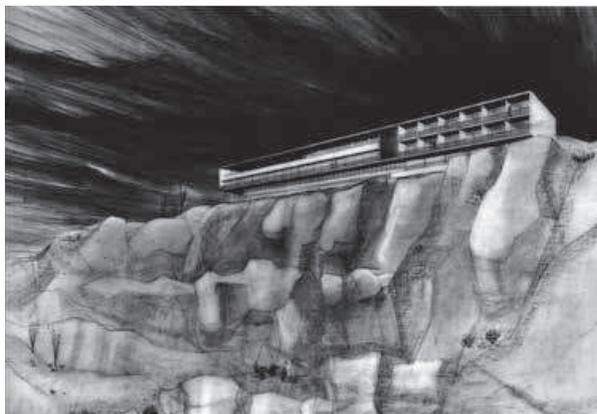
32 No painel n.º 28 da exposição, intitulado “O pastiche aparece entre murmúrios de aprovação mas acaba entre as gargalhadas do futuro”, liam-se as frases:

“Teima-se em esquecer a verdadeira tradição renunciando a inserir a arquitectura nas realidades do nosso tempo; pretende-se obter uma falsa conciliação do antigo com o moderno amalgamando formas já sem sentido; ultrajam-se os estilos de outras épocas, copiando ou adulterando as suas formas; confunde-se beleza com fausto e grandeza com enormidade.” No painel podemos identificar obras de Vasco Regaleira (igrejas de Sto. Condestável e S. João de Brito em Lisboa, e de N.ª Sr.ª da Conceição nas Caldas da Rainha). Eram igualmente ilustradas obras de António Lino, dos irmãos Guilherme e Carlos Rebelo de Andrade, entre outros.

33 “Também os mundos da política e da cultura marcaram presença, tendo sido destacados o Prof. Marcelo Caetano, futuro ministro da presidência do conselho de ministros, o Eng. Eduardo Arantes e Oliveira, director do LNEC e futuro ministro das obras públicas, o Dr. João Couto, director do Museu Nacional de Arte Antiga, (...) os arquitectos Raúl Lino, Carlos Ramos, Pardal Monteiro, Keil do Amaral (...) o escultor Leopoldo de Almeida e os pintores Almada Negreiros, Abel Manta, Lima de Freitas e António Lino.” in CUNHA, João Pedro Alves da. *O MRAR e os Anos de Ouro da Arquitectura Religiosa em Portugal no Século XX, a Acção do Movimento de Renovação da Arte Religiosa nas Décadas de 1950 e 1960*, Lisboa, dissertação de doutoramento, FAUTL, 2013, p. 161.

34 A criação do Secretariado das Novas Igrejas pelo Patriarca de Lisboa (SNIP) em 1961 reflecte a abertura do cardeal Cerejeira ao trabalho de renovação da arquitectura religiosa iniciado pelo MRAR. No campo cultural a Fundação Calouste Gulbenkian foi uma grande patrocinadora do Movimento através do apoio à realização do Curso de Arte Sacra (2-5 de Janeiro de 1958), à atribuição de bolsas de estudo no estrangeiro, à promoção de exposições (*Exposição de Arte Sacra*, Porto, Junho 1959) e de concursos (como o da Sé de Bragança), entre tantas outras iniciativas.

Turismo (1.ª versão 1954) pelo estilo e cor não se integrar no pitoresco da região.³⁵ Ora a proposta de Athouguia para a pousada a construir sobre a escarpa, a poente do Sítio, traz-nos à memória o trabalho do CODA de Távora – *Casa sobre o Mar*. Curiosamente, nem o projecto de Athouguia, nem o de Távora foram construídos na Nazaré.



4. Pousada da Nazaré, projecto de Ruy d’Athouguia, 1954-1962

A leitura do estudo prévio e do anteprojecto³⁶ permite perceber quais os pontos de discussão e qual a proximidade a temas já explorados por Vasco Regaleira noutras igrejas, ao nível da distribuição funcional e da implantação urbanística.

Tal como em Alvalade, Regaleira opta na Nazaré por uma igreja organizada em dois pisos, aproveitando a cripta para albergar o salão paroquial e anexos e o piso superior para o espaço celebrativo, de planta longitudinal e a três naves com marcação de transepto.

No que toca à implantação urbana, o desenho do alçado principal remete para uma presença monumental, reforçada pela entrada ladeada por torreões, tal como recorrentemente propôs Regaleira – vejam-se as igrejas de Campo de Ourique, S. João de Brito³⁷ e Caldas da Rainha. Mas se nestes casos as igrejas surgiam implantadas de acordo com planos urbanos criados de raiz, ocupando posições-chave no desenho das composições³⁸, na Nazaré isto não acontece, e portanto

35 Cf. LOBO, Susana. “1942-2002, 60 Anos de Pousadas” in *Arquitectura Moderna Portuguesa 1920-1970* (coord.: Ana Tostões). Lisboa: Ministério da Cultura-IPPAR, 2004; CORREIA, Graça. *Ruy Jervis Athouguia*. Lisboa: Caleidoscópio, 2008.

36 A cópia do processo de Vasco Regaleira disponível no Arquivo Histórico do Santuário da N.ª Sr.ª da Nazaré encontra-se incompleta, limitando-se às peças desenhadas. Embora o processo não esteja datado, deduzimos que tenha sido realizado entre 1955-57 (datas aproximadas) – anos em que o Dr. Luís Faria foi presidente da câmara e que o Monsenhor Fialho foi pároco. Assim sendo, o projecto da Nazaré é contemporâneo da igreja de S. João Baptista (Coruche, 1955-58) e posterior à igreja de N.ª Sr.ª da Conceição (Caldas da Rainha, 1950-51).

37 Igreja de S. João de Brito – Lisboa, 1.ª versão, 1951.

38 Três igrejas de Vasco Regaleira inseridas em três planos urbanos: a de Santo Condestável (benzida a 14 de Agosto de 1951) no bairro de Campo de Ourique segundo plano oitocentista iniciado por Ressano Garcia, a de S. João de Brito (benzida a 2 de Outubro de 1955) no plano para Sítio de Alvalade do arquitecto Faria da Costa de 1945 e a de N.ª Sr.ª da Conceição (benzida a 21 de Outubro de 1951) no Antepiano de Urbanização das Caldas da Rainha, desenhado pelo arquitecto Paulino Montez em 1949.

o modelo de igreja isolada no lote, rematando o arruamento ou dominando a praça, foi forçado à parcela de quarteirão disponível. A topografia do terreno e a sua geometria conduziram a uma solução quase caricatural, uma plataforma de nível à cota alta cria um adro envolvente à igreja, voltado às traseiras do quarteirão (seguindo o antepiano de urbanização de 1956), resultando numa igreja elevada, acessível pelo monumental escadório a partir da Rua Sub-Vila.

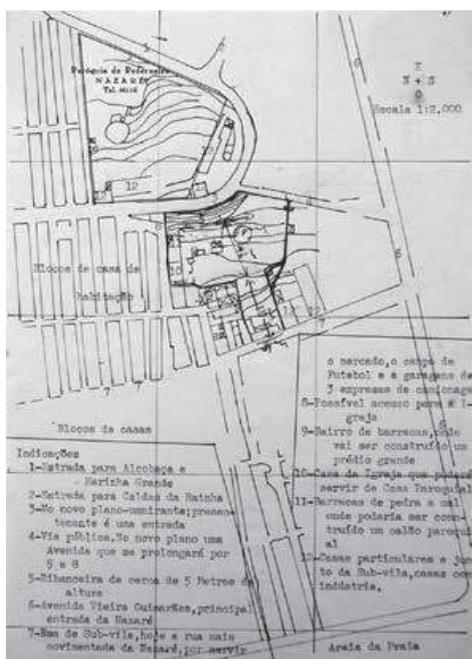
(...) um largo presépio branco até ao mar ...

Na década de 1960, Joaquim Cabeça Padrão³⁹, consultor da Câmara Municipal da Nazaré e responsável pelas “Directivas para a elaboração definitiva do Antepiano” refaz o plano anterior, motivado pela vontade de “defender as antigas construções existentes” (p. 21). A valorização do património edificado estava a entrar na agenda política e por isso tornava-se urgente rever o antepiano inicial uma vez que do ponto de vista urbanístico a proposta “implicava inúmeras e inoportáveis demolições; não respeitava nem valorizava quanto possível, a velha Nazaré; não resolvia convenientemente os problemas do trânsito e do estacionamento dos veículos; não fixava, para a expansão da Vila, uma estrutura que se amoldasse às suas necessidades do presente e futuro.” Identificava a revisão que “a mais imediata e maior falta que lhe sentimos foi, sem dúvida, a de um centro Cívico e Comercial (...), junto das Novas Áreas Urbanas”.⁴⁰ Neste sentido propôs o município uma troca dos terrenos. Em causa estavam dois terrenos confinantes: o que era propriedade da Igreja desde 1949, localizado a meia encosta, com ligação ao casario e à Rua de Sub-Vila, a mais movimentada da Nazaré (acesso ao futuro mercado); o outro, pertença do Município, sobranceiro ao primeiro e mais afastado do casario.

Uma planta do processo apresenta um estudo para implantação dos dois equipamentos, na situação de troca: a igreja e centro paroquial, no lote mais elevado, desenvolver-se-iam num só edifício isolado, precedido de um adro ao jeito de miradouro sobre a vila e a praia; a câmara municipal, também ela isolada, ocuparia o lote inferior, mais integrada na zona habitacional mas de costas voltadas à vila e ao mar, voltada para um pequeno largo ajardinado à cota mais alta. O acesso de ligação, à cota baixa, à Rua de Sub-Vila, reduzir-se-ia a uma escadaria, entalada entre construções.

39 Joaquim Cabeça Padrão (1921-1993), arquitecto e urbanista formado pela Escola Superior de Belas Artes de Lisboa em 1952. Em 1956 integrou a Direcção de Serviços de Melhoramentos Urbanos, na Direcção-Geral de Serviços de Urbanização do Ministério das Obras Públicas. A partir de 1961 foi consultor da Câmara Municipal da Nazaré e elaborou as “Directivas para a Elaboração definitiva do Antepiano de Urbanização”. Destaca-se no seu currículo o estudo da preservação e recuperação de núcleos urbanos antigos na Inglaterra e Escócia que desenvolveu enquanto bolseiro do Instituto de Alta Cultura e do British Council, no ano de 1962. Cf <http://territorio-patrimonio.blogs.sapo.pt/3108.html>.

40 PADRÃO, Joaquim Cabeça. “Memória Descritiva e Justificativa”, in *Antepiano de Urbanização da Nazaré. Directivas para a sua elaboração definitiva*, 1961, p. 23-25. Arquivo DGT.



5. Planta do relatório da 1.ª visita à Nazaré, 23 Fevereiro 1961

Quando os entendidos dizem que o mar está bom

O relatório do Secretariado das Novas Igrejas do Patriarcado de 23 de Fevereiro de 1961 apresenta uma análise cuidada, embora tendenciosa, desta possibilidade de troca, dizendo:

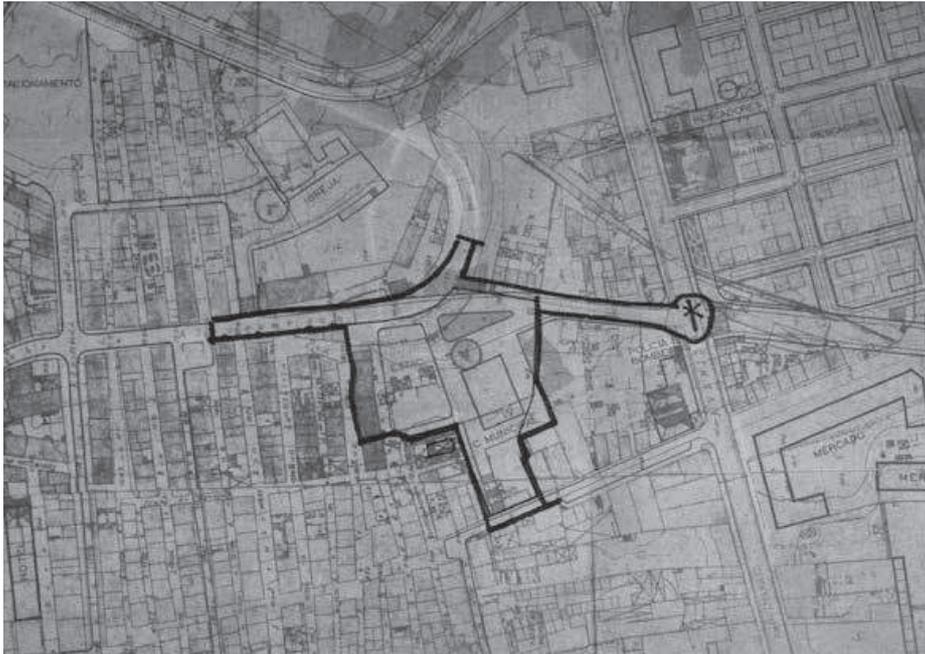
“A troca parece-nos desvantajosa e cremos que a Câmara pouco ganharia com ela, visto que o edifício camarário não constitui propriamente **um centro de vida comunitária** como é o da igreja, e por isso mesmo pode ficar um pouco mais afastado de um percurso diário da população.”⁴¹

Assim, o Patriarcado reforçava a ideia que tinha motivado a compra do terreno no fim da década de 1940 – a importância da proximidade à comunidade. No mesmo relatório falava-se ainda da capela de Santo António, que “não permitia, pela sua localização e pela falta de anexos o desenvolvimento duma vida paroquial eficaz”⁴² e alertava-se para a elevada afluência dominical nos meses de Verão, uma vez que a Nazaré se tinha transformado numa estância balnear de referência.⁴³

41 In *Relatório da primeira visita à Nazaré*, 23 de Fevereiro de 1961. Arquivo SNIP.

42 Ibidem.

43 O tema da mobilidade sazonal da população foi um tema pastoral explorado pelo SNIP, que conduziu a soluções assentes em espaços de natureza flexível e polivalente, capazes de responder à variação do número de fiéis.



6. Nazaré – Novo Centro Cívico, revisão de localização, planta, 196?

Rejeitada a troca, “a natural evolução das coisas aconselhou deslocar para o Novo Centro Cívico⁴⁴ cujo projecto já se encontra superiormente aprovado, o Novo Edifício dos Paços do Concelho”.⁴⁵

Se, por um lado, a discussão da nova igreja integrava o debate sobre a expansão da vila da Nazaré, e daí a importância da leitura dos sucessivos estudos de urbanização que temos vindo a referir, por outro, acompanhava a renovação da própria Igreja daquele período e o novo sentido de religiosidade que despertava.

“Afastada da Igreja, embora não esquecida de Deus nem de nossa Senhora, a Nazaré não pode deixar a religião que a fez grande e que anda por aí desmantelada em tradições religiosas cheias de beleza e valor, mas vazias de fé e de vida.”⁴⁶

“Quem tenha acompanhado a evolução da vida religiosa na Nazaré, de há uns anos a esta parte, concluirá forçosamente que nos tempos de hoje se vive espiritualmente mais, quer em intensidade quer em extensão.”⁴⁷

44 De acordo com o plano desenhado, o novo centro cívico localizar-se-ia a sul da Avenida Vieira Guimarães, a poente do bairro da casa de pescadores, junto ao mercado, lota e central de camionagem. O edifício dos paços do concelho não foi construído e a Câmara ocupa hoje a antiga sede da Casa dos Pescadores.

45 In ofício 644, do Ministério das Obras Públicas – Direcção-Geral dos Serviços de Urbanização, processo número U-289-A-167, de 29 de Maio de 1968.

46 MARTINS, Pe. Manuel. “Cristãos da Nazaré”, in *Velas ao Alto – Boletim paroquial* n.º 1, Ano I, Fevereiro 1957, p. 2.

47 In “Nem só de pão vive o Homem”, in *Nazaré – Boletim da Liga dos Amigos da Nazaré* n.º 110-111, Ano X, Junho-Julho 1966, p. 1.

A vida da paróquia das décadas de 1950-60 acompanha esta evolução – vejam-se as obras de caridade (promoção de cuidados de saúde com o hospital da Confraria, a luta contra a pobreza, o impulso ao movimento de auto-construção de habitação) ou a postura crítica sobre a vida da vila nos meses de Verão⁴⁸. Ao mesmo tempo que a Igreja se abria aos problemas do mundo, fomentava uma maior participação e formação no seu interior. São disto exemplo, a criação de pequenos grupos, da catequese infantil aos movimentos de Acção Católica (nomeadamente a JOC – Juventude Operária Católica). Toda esta dinâmica e vitalidade paroquial exigiu a revisão do próprio programa da igreja a construir, procurando-se uma igreja de serviço à cidade, que não se esgotava no desenho de um espaço exclusivamente litúrgico. À função litúrgica primeira juntava-se a pastoral, resultante de uma leitura das necessidades do lugar onde a igreja se inseria. Tal exigia uma solução diferente daquela que Regaleira preconizara, certamente mais bem acolhida por Fernando Távora.

Desde pequeninos, eles e elas se vestem como os pais

O pároco Manuel Martins juntamente com o Pe. Manuel Falcão (do SNIP) elaboram o programa para a nova igreja a partir do programa que fora redigido para o Concurso do Sagrado Coração de Jesus em Lisboa. Este programa de referência⁴⁹, altamente debatido no espaço do MRAR, foi adaptado à realidade da Nazaré, vila piscatória e estância balnear:

“Deverá ter-se em conta que a grande maioria da população a que se destina é gente humilde, gente do mar, pescadores e suas famílias. Esta população tem fortes **tradições étnicas e culturais**, que deverão ser respeitadas e consideradas no seu sentido profundo, vivencial e não só folclórico. Isto, não ignorando também a presença de milhares de turistas que principalmente durante o Verão afluem à Praia da Nazaré.”⁵⁰

A proposta deveria ter em conta o peso das tradições locais mas também na Nazaré era intenção criar uma “igreja católica moderna” e, para tal, seguindo as “Directivas para a construção das igrejas segundo o espírito da liturgia romana”, publicadas em 1952-53 pela comissão

48 “O turismo é hoje na Nazaré a principal fonte de receita. Desde o arrendamento das casas à água que bebem. (...) Para ceder as suas casas aos banhistas vive-se por esses pátios uma vida de autêntica promiscuidade e desconforto (...) onde falta tudo desde a comodidade ao respeito mútuo (...) embora conscientes da humildade e fraqueza da nossa voz não queremos deixar de recomendar a todos os nazarenos que não se deixem deslumbrar com o fausto e grandeza que vêem nos banhistas.” In “O Verão e a Nazaré”, in *Velas ao Alto – Boletim paroquial* n.º 30-31, Ano III, p. 5.

49 Fernando Távora viria a reconhecer que “O programa fornecido pode considerar-se exemplar, quer pela sua clareza, quer pelo espírito que o anima; dado que poderá ser conhecido em pormenor, referiremos apenas os seus aspectos que consideramos fundamentais. / Iniciado por considerações prévias nas quais se faz referência ao que deve ser uma Igreja Católica Moderna, à complexidade das suas funções de ordem religiosa e comunitária e às características da população que a actualizará, refere os acessos que servem o terreno e como devem servir os edifícios.” In TÁVORA, Fernando. “Memória descritiva e justificativa”, in *Igreja Paroquial Senhor dos Mares, Ante-projecto*, Janeiro 1966.

50 In “Programa de construção da igreja paroquial Senhor dos Mares”, 10 de Abril de 1962. FIMS-SI-FTávora.

litúrgica alemã.⁵¹ No programa da igreja da Nazaré encontramos esta dupla vontade, de ser local e global, e não por acaso forma nele citadas algumas dessas directivas:

“Pretendendo-se a **igreja moderna**, no sentido de que se destina ao Povo de Deus dos nossos dias, ela deve responder às mais nobres necessidades e aspirações dos homens do nosso tempo.”⁵²

Mas quem estaria à altura de responder ao desafio de projectar uma igreja moderna? A carta do Pe. Manuel Falcão ao pároco da Nazaré, datada de Março de 1963, avança com o nome, justificando a escolha:

“Quanto ao projecto, atendendo à responsabilidade da obra, que fica em lugar proeminente numa das vilas de maior interesse do País, e ao facto de ter sido rejeitado já um projecto feito por um arquitecto de certa nomeada, deve ser entregue a pessoa particularmente competente, séria e aberta aos problemas da arquitectura religiosa. O SNIP pensou inicialmente em propor que se abrisse um concurso para o anteprojecto. Porém, para evitar as despesas e complicações dum concurso, propõe simplesmente para elaborar o projecto da igreja nova o arquitecto Fernando Távora, actualmente professor da Escola de Belas Artes do Porto e um dos mais competentes do país.”⁵³

Ora Fernando Távora, cerca de vinte e cinco anos mais novo que Regaleira à data, ainda não tinha completado ainda 40 anos, era já tido como arquitecto de valor. Católico assumido, próximo do MRAR, com alguma experiência no campo da arquitectura religiosa⁵⁴, seria uma proposta segura, uma alternativa ao autor do anterior projecto ainda.

51 A tradução das directivas alemãs foi realizada por João de Almeida, membro fundador do MRAR. Foi publicada nas revistas *Novellae Olivarum* n.º 121, Janeiro 1955, p. 1-7 (seminário dos Olivais – Lisboa) e *Ora et Labora* n.º 2, 1955, Ano II, p. 92-100 (beneditinos de Singeverga – Santo Tirso).

52 Ibidem.

53 FALCÃO, Pe. Manuel, (carta para o Pe. Martins), 8 Março 1962. Arquivo SNIP.

54 Em 1964, ano da encomenda do projecto, faziam parte do portfólio do arquitecto Távora os seguintes projectos de natureza religiosa: Remodelação do Instituto Nun'Alvares (Santo Tirso, 1952), Convento das irmãs franciscanas de Calais (Gondomar, 1961-71), Capela e pavilhão do Instituto Nun'Alvares (Santo Tirso, 1963-65). Posteriormente ser-lhe-iam encomendadas, na diocese do Porto, as Igrejas de S. João de Ovar (1966-68) e S. João de Ver (1967).

A reforçar aquela escolha estava a experiência académica de Fernando Távora⁵⁵ e a sua participação no “Inquérito à Arquitectura Regional Portuguesa”, que ofereciam garantias de um trabalho respeitador de uma envolvente tão delicada quanto a da Nazaré.

Além disso, a experiência internacional de Fernando Távora, que contava já com a participação em “Congressos Internacionais da Arquitectura Moderna”, colocava-o a par da revisão do Movimento Moderno. A viagem aos Estados Unidos da América⁵⁶ tinha revelado o seu interesse e conhecimento dos problemas de *urban planing*, conferindo-lhe a competência e a sensibilidade para a resolução do problema urbano que a nova igreja da Nazaré colocava.

A encomenda do projecto, feita a Fernando Távora no ano de 1964, surge já em pleno Concílio Ecuménico Vaticano II (1962-65), num momento de encontro dos campos disciplinares da liturgia e da arquitectura. Se no campo disciplinar da arquitectura os anos 1960 foram tempos de agitada revisitação crítica ao Movimento Moderno, o contexto eclesiástico não foi menos atribulado. O campo da arquitectura religiosa tornou-se plataforma de experimentação e discussão, um verdadeiro laboratório de ideias que procuravam responder ao *aggiornamento* (tornar actual) e ao *ressourcement* (beber das primitivas fontes) proclamados no concílio.

“Além disso quero preveni-lo que de que deve contar com algumas alterações ao programa da igreja, o qual será actualizado de acordo com as recentes prescrições conciliares. Espero muito brevemente enviar-lhe tais dados. No entanto que isto não sirva de pretexto para não continuar os estudos de implantação, que espero estejam já chegando a bom termo.”⁵⁷

As novidades que o Concílio prescreveria não seriam portanto uma enorme surpresa para o arquitecto, uma vez que já eram discutidas abertamente pelo Movimento de Renovação

55 Fernando Távora foi assistente na Escola de Belas Artes do Porto desde 1951. No ano lectivo 1952-53 foi assistente de Carlos Ramos na disciplina de Composição (curso especial – 4.º Ano) acompanhando a realização do trabalho “Capela da Afurada”, Vila Nova de Gaia. Foram seus alunos Luíz Cunha, Fernando Seara e Calvet da Costa. Cf. MONIZ, Gonçalo Esteves de Oliveira do Canto. *O Ensino Moderno da Arquitectura: a Reforma de 57 e as Escolas de Belas-Artes em Portugal (1931-69)*, Coimbra, dissertação de doutoramento, DARQ-FCTUC, 2011.

No mesmo ano lectivo em que Carlos Ramos e Fernando Távora orientaram este trabalho, esteve presente na ESBAP a exposição *Arquitectura Religiosa Contemporânea* (Junho de 1953), a mesma exposição que tinha sido exposta na capital, promovida por alunos da Escola de Belas Artes de Lisboa. Se em Lisboa a exposição esteve aberta ao público num espaço de natureza religiosa (galeria da Igreja de S. Nicolau), no Porto foi a própria Escola de Belas Artes que a acolheu, revelando a abertura da Escola ao debate em torno da arquitectura religiosa moderna, ainda que alguns painéis da exposição criticassem algumas obras de arquitectos daquela cidade e escola, nomeadamente: a Igreja da Penha de Marques da Silva (Guimarães, 1930); a Igreja de Nossa Senhora de Fátima do grupo ARS – Fortunato Cabral, Morais Soares e Cunha Leão (Porto, 1933-35), a Igreja e Convento de Cristo Rei de Manuel da Silva Passos Júnior (Porto, 1950-54). Em Junho de 1959, o MRAR organizou no Paço Episcopal do Porto a *Exposição de Arte Sacra Moderna*, que ao contrário da primeira exposição não denunciava as más práticas disciplinares, procurando antes dar visibilidade aos bons exemplos da renovação de arte sacra, que se estavam a fazer nos campos da arquitectura, da pintura, de escultura e de paramentaria.

56 A viagem aos Estados Unidos foi realizada graças a uma bolsa da Fundação Calouste Gulbenkian e do Instituto para a Cultura.

57 Diogo Lino Pimentel em carta a Fernando Távora em 23 de Fevereiro de 1965. Arquivo SNIP.

de Arte Religiosa, movimento com que Fernando Távora colaborou desde cedo.⁵⁸ De entre as colaborações mais significativas conta-se a participação, em 1958, no “Curso de Arquitectura”⁵⁹ realizado a par do lançamento do concurso do Sagrado Coração de Jesus, cujo programa, como vimos, serviu de base ao da igreja da Nazaré.

O curso contou com a participação de dois arquitectos conferencistas: um internacional, Hermann Baur⁶⁰, e um representante nacional, o jovem arquitecto Fernando Távora. Contou ainda com diversas intervenções do corpo eclesiástico, nomeadamente do Pe. Manuel Falcão⁶¹, que anos mais tarde sugeriu a encomenda da igreja da Nazaré a Távora.



7. MRAR, boletim n.º 30, 4 Junho 1966, Igreja Paroquial Senhor dos Mares, Nazaré

58 Fernando Távora colaborou na primeira actividade do núcleo do MRAR Porto – relator do debate *O artista cristão na sociedade*, 3.º Encontro do MRAR, Porto, 26 a 28 de Abril de 1957.

59 O *Curso de Arquitectura* promovido pelo MRAR foi espaço de formação para os possíveis concorrentes do concurso, realizou-se na Casa de S. Mamede Lisboa, dias 2 a 5 de Janeiro de 1958, com o apoio da Fundação Calouste Gulbenkian. O concurso acabaria por ser adiado para 1962.

60 Herman Baur (1894-1980), arquitecto suíço, “grande autor no campo da arquitectura sacra e autor de algumas das mais importantes igrejas modernas construídas na Suíça (alemã)” (in *Boletim MRAR* n.º 4, Setembro 1961), foi membro consultor do júri do concurso do Sagrado Coração de Jesus. O arquitecto H. Baur era uma referência no meio do MRAR trazida para Portugal por João de Almeida, que com ele tinha trabalhado em Basileia, no início da década de 1950. Algumas das suas obras integraram a *Exposição de Arquitectura Religiosa Contemporânea* (Galeria de S. Nicolau, Lisboa, Maio 1953), pois eram exemplos de uma “arquitectura religiosa em plena maturidade”, segundo os jovens organizadores da exposição.

61 Conferência do Pe. Manuel Falcão no curso: *Dimensões Pastorais de uma Paróquia Urbana*; vale a pena recordar que o Pe. M. Falcão foi o grande impulsionador do estudo da Sociologia Religiosa, tendo conduzido o primeiro recenseamento da prática dominical no Patriarcado, em 1955, e o plano de redimensionamento paroquial da cidade (realizado em colaboração com a Câmara Municipal de Lisboa), em 1959.

Hermann Baur, arquitecto moderno da geração de Regaleira, trouxe para curso o seu conhecimento e reflexão sobre a história e experiências de “organização do espaço da igreja” realizadas na Europa Central.⁶² Fernando Távora, em jeito de contraponto, lançou o debate em torno das “Características da arquitectura religiosa meridional”. Ao participar neste momento-chave para a discussão e renovação da arquitectura religiosa em Portugal, Távora adquiria conhecimento privilegiado da temática.⁶³ Fernando Távora acompanhou o trabalho do Movimento, participando nalgumas reuniões do núcleo em formação na cidade do Porto⁶⁴ e noutras de âmbito nacional⁶⁵, em que partilhou o trabalho que estava a desenvolver no seu gabinete. O projecto da igreja da Nazaré foi apresentado a 17 de Novembro de 1966. Dentro do espaço limitado do MRAR, davam-se alguns passos para uma “arquitectura participada”. A presença do pároco, M. Martins, e de alguns membros da comissão fabriqueira foi noticiada no boletim do Movimento. Para além desta reunião informal em Lisboa, onde houve espaço para crítica e discussão, foi realizada uma apresentação pública do projecto na Nazaré, a convite do pároco. O arquitecto Diogo Lino Pimentel, director técnico do Secretariado das Novas Igrejas do Patriacado, incitou Fernando Távora a aceitar o convite pois “São coisas que dão óptimos resultados, e levam as pessoas a aderir à obra. Além disso, para quem já o fez no ‘esotérico’ meio do MRAR isto agora é fácil!”⁶⁶ (in correspondência D. Lino Pimentel para F. Távora)

Como uma enorme renda (...)

“Antes de mais, o que vimos, foi hábil e sensível capacidade de partir das limitações, para invenção de uma solução global, de tal modo que essas mesmas limitações mais parecem ter agido como incentivo do que como obstáculos

62 Conferências de Herman Baur no curso: “A arquitectura religiosa cristã e a sua evolução”, “A organização do espaço da igreja”, “Análise dos principais elementos ordenados ao culto”.

63 Surpreendentemente a documentação e livros disponíveis na biblioteca de Fernando Távora sobre arquitectura religiosa moderna é quase inexistente. Talvez o contacto com actividades do MRAR e com os seus membros mais activos, leigos e clérigos, tenham sido a grande base de apoio às pesquisas desenvolvidas por Távora, mais do que as tradicionais fontes bibliográficas de referência temática.

64 A presença do MRAR no norte do país intensificou-se com a transferência de João de Almeida para Escola de Belas Artes do Porto, para concluir o curso de arquitectura. Luíz Cunha, que havia sido aluno de Távora em 1952/53 e que em 1957 publicou o livro “Arquitectura Religiosa Moderna”, assume especial protagonismo no núcleo nortenho, participando e promovendo reuniões e exposições. A relação de amizade com Luíz Cunha leva Fernando Távora a participar nalguns destes encontros. Luíz Cunha pede a sua colaboração, enquanto “consultor museológico”, para o projecto do Museu Diocesano de Arte Sacra do Porto, que elabora a partir de 1957. Em 1962, Luíz Cunha inicia o estudo para a capela do Convento dominicano de Nossa Senhora do Rosário de Fátima, por indicação de Nuno Teotónio Pereira. O anteprojecto, datado de 1961, tinha sido desenvolvido por Fernando Távora. FIMS-SI-FTávora.

65 Fernando Távora apresentou e discutiu, em reuniões de estudo do MRAR, os anteprojectos para o Convento de Gondomar a 28 de Novembro de 1961, e para a Igreja Paroquial da Nazaré a 17 de Novembro de 1966. / O artigo “A Nazaré vai ter a sua igreja paroquial Senhor dos Mares” do *Jornal da Nazaré* de 17 de Agosto de 1967, dá notícia da apresentação do projecto no Cine-Casino Paraíso. No mesmo artigo é apresentado o projecto de Távora, sendo transcrito o artigo já publicado anteriormente no *Boletim do MRAR* n.º 30, Abril-Junho 1966.

66 Diogo Lino Pimentel em carta a Fernando Távora em 14 de Junho de 1966. Arquivo SNIP.

(...) O projectar da igreja começou no projectar de uma proposta para solução urbanística da vizinhança. E nisso o arq. Távora soube admiravelmente dominar as relações de casa e rua, das quais depende fundamentalmente a escala da vila. E criou “largos” e percursos que reinventam a textura urbana antiga.”⁶⁷

Este exercício de “reinvenção” da rua no interior do quarteirão ia ao encontro de uma tendência da implantação da igreja no atravessamento de percursos, de que é exemplo paradigmático, no contexto português, o complexo do Sagrado Coração de Jesus, em Lisboa (1962-1970). Em Lisboa, Nuno Teotónio Pereira e Nuno Portas “exploram o atravessamento público do interior do quarteirão, animado por uma sucessão de espaços exteriores, cobertos e descobertos, escadas e patamares, onde é feito o acesso aos diferentes pisos do equipamento paroquial.”⁶⁸ Fernando Távora, na Nazaré, serve um programa ainda mais lato propondo a integração de espaços de natureza comercial e habitacional, para além de todo o programa paroquial, e prolonga a rua para o interior do quarteirão, através de pórticos, rampas e escadas suaves. Ao desenhar o percurso procura a integração da própria igreja na cidade por forma a solucionar o problema urbano da interioridade do lote, criando um espaço de acolhimento e transição rua-igreja.

“Para o observador próximo tal contraste é porventura acentuado nos percursos a efectuar até à entrada da Igreja, pois que a dimensão, escala e forma dos acessos foram orientados no sentido de reforçar a oposição referida, bem como garantir um carácter geral de introversão que as condições do terreno e do ambiente quási impunham. (...)

É nítida a intenção de provocar um movimento, que julgamos do maior interesse (...). Assim se vitaliza o espaço público que serve a Igreja, eliminando deste todo o sentido interior, escondido, que teria se tal ligação não se revestisse de importância.

Os edifícios que deverão marginalizar tal espaço público de acesso, alguns a construir em terreno da Paróquia, outros nos talhões anexos, têm várias funções: permitem criar um primeiro plano que esconda a já referida paisagem próxima, que nada aconselha a conservar, ao mesmo tempo que introduzem no conjunto a escala da Vila (...) permitem ainda, pelo seu rés-do-chão comercial e pelos seus dois pisos de residência, dar vida a todo esse percurso que, sem eles, seria quasi morto pois se destinaria apenas a dar acesso à Igreja ou a realizar a ligação entre Mouzinho de Albuquerque e Sub-Vila.”⁶⁹

⁶⁷ In *Boletim do Movimento de Renovação de Arte Religiosa* n.º 30, 2.ª série, Abril-Junho 1966.

⁶⁸ MARQUES, João Luís. “The Church in the City: The Churchyard in Parish Church Complexes – 3 Case Studies”, trabalho apresentado em “EURAU 12, Public Space and Contemporary City”, in *EURAU12 Porto | Espaço Público e Cidade Contemporânea: Actas do 6.º European Symposium on Research in Architecture and Urban Design*, Porto, 2012.

⁶⁹ TÁVORA, Fernando. “Memória descritiva e justificativa”, in *Igreja Paroquial Senhor dos Mares, Ante-projecto*, Janeiro 1966. FIMS-SI-FTávora.

Ainda que realizado à margem do plano urbanístico da vila, o projecto vai ao encontro das recomendações introduzidas por Joaquim Cabeça Padrão nas Directivas. De facto, a proposta de Fernando Távora explorava a rua, tão característica da organização do espaço da vila, cujo “traçado urbano primitivo (...), foi concebido sem qualquer logradouro privado nas traseiras dos prédios, tornando a rua, por esse facto, o logradouro necessário para a convivência dos seus habitantes. Esta é a dominante da maneira de viver dessa gente, esse é o seu meio, a sua tranquilidade, a sua convivência ao ar livre, transformando as ruas em simples pátios de convivência”.⁷⁰

A presença urbana do complexo paroquial foi uma preocupação de Távora que tinha bem presente a situação do terreno, da sua interioridade e da sua contraditória visibilidade, já questionada, como vimos, na década de 1950.⁷¹

Sobre o terreno e suas exigências Fernando Távora escreveu:

“Visto do exterior, do Sítio ou da Pederneira, o terreno aparece-nos bem marcado, mas exigindo uma solução correcta e decidida, pois que tais pontos de vista não perdoam e, sobretudo, porque abundam já, e infelizmente, os exemplos do que não deve fazer-se...

(...)

Para os pontos de vista afastados ou altos (mar, Sítio ou Pederneira), a solução vive de duas massas que voluntariamente se opuseram: a massa da Igreja, solene, unitária, um pouco brutal e a massa retalhada, variada, subtil, do centro paroquial, anexos da Igreja e edifícios envolventes; a primeira destacando-se na paisagem da Vila e a segunda estabelecendo relações, por simpatia, com a fragmentação dos volumes existentes.”⁷²

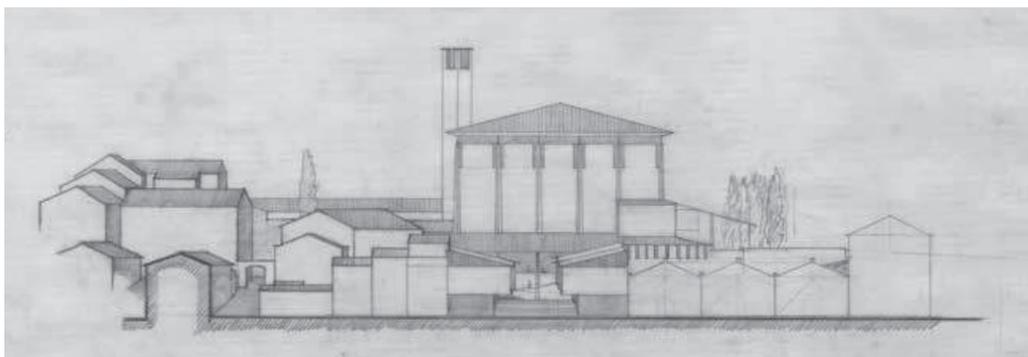
Há silhuetas que lembram figuras (...)

A opção pela grande massa construída do volume litúrgico, um prisma de base quadrangular rematado com uma cobertura a quatro águas recorda a tradição das construções religiosas na costa litoral, que havia sido identificada pela equipa liderada por Nuno Teotónio Pereira na realização do Inquérito.

70 PADRÃO, Joaquim Cabeça. “Memória descritiva e justificativa”, in *Anteplano de urbanização da Nazaré – Directivas para a sua elaboração definitiva*, 1961, p. 29-30. Arquivo DGT.

71 “Não basta porém que esta seja bela, vista do lado do mar; é preciso que em frente da Igreja haja o espaço suficiente para que construção seja um elemento urbanístico a valorizar a Nazaré! Só assim será integralmente aproveitado o dinheiro que se irá despende. Um templo não é uma barraca de lona que se muda para outro local, se o escolhido não corresponder ao que esperávamos.” In “A vinha do Senhor – Igreja Nova”, in *Nazaré – Boletim da Liga dos Amigos da Nazaré* n.º 22, Ano III, Novembro 1958, p. 2.

72 TÁVORA, Fernando. “Memória descritiva e justificativa”, in *Igreja Paroquial Senhor dos Mares, Ante-projecto*, Janeiro 1966. FIMS-SI-FTávora.



8. Igreja Paroquial Senhor dos Mares, Nazaré, 1965-1966, vista da Rua Sub-Vila, desenho de estudo

9. “Capela de beira-mar”, Nazaré, fotografia in *Inquérito à Arquitectura Popular em Portugal*

“Junto ao mar, não longe dos ancoradouros dos barcos de pesca, erguem-se capelas de beira-mar da Estremadura, notáveis pelo seu valor simbólico – frente à vastidão do céu e do oceano.

A sua sinceridade formal dissipa a aparente contradição, que muitas vezes se julga existir, entre o que é humilde e o que é monumental.”⁷³

Esta simplicidade formal e a integração, por afirmação da massa construída no núcleo urbano, traz à memória outros trabalhos realizados por Fernando Távora, ainda que de natureza programática diferente, como o edifício municipal de Aveiro projectado na mesma década.⁷⁴

No caso da Nazaré, a reforçar esta “humildade monumental”, para além da simplicidade formal já analisada, Távora propõe para o edifício uma cobertura em telha cerâmica suportada por uma estrutura de madeira apoiada em pilares em betão armado aparente, materiais

⁷³ In *Arquitectura Popular em Portugal* (1961). Lisboa: Associação dos Arquitectos Portugueses, 1988 (3.ª edição), p. 230-231.

⁷⁴ Edifício Municipal de Aveiro (1963-67).

escolhidos tendo em conta os factores de “economia, dignidade, durabilidade e carácter”⁷⁵, tão próximos dos valores reclamados pelo MRAR para uma arte cristã, “Pureza, Verdade, Pobreza e Paz”. A natureza religiosa do complexo era afirmada pelo alto campanário, assente na zona do santuário e visível do mar alto. Curiosamente, não é sugerida a colocação de qualquer cruz no exterior do edifício nos desenhos de projecto.

A leitura da natureza religiosa do edifício resulta antes do “contraste procurado e obtido: o do volume da Igreja com o do vazio do claustro, opostos e complementares”⁷⁶ que remete para o tema da apropriação e transformação de formas conhecidas da história da arquitectura religiosa. No projecto para o moderno complexo paroquial da Nazaré encontramos a memória de formas conventuais, distribuindo-se “o centro paroquial em torno de um claustro que constitui o seu ‘espaço livre’”.⁷⁷ A mesma solução de claustro, espaço agregador e de distribuição, dominado pelo corpo litúrgico, tinha sido já explorada por Távora no Convento de Gondomar no início da década.⁷⁸

Tal como o claustro, também o espaço litúrgico é de geometria quadrangular, forma explorada em número significativo de projectos de arquitectura religiosa na década de 1960. Fernando Távora segue a tendência e tem-na subjacente às igrejas que projecta naquela década. Comparem-se as diferentes organizações de espaço litúrgico que propôs. Nelas ecoa o escrito de Goitia, que Távora sublinhou num dos seus livros de eleição *Invariantes Castizos de la Arquitectura Española*. Talvez seja esta uma das razões que o tenha levado a optar pela “Proporção quadrada, à qual se deve essa sensação de calma, de perfeito repouso. A proporção quadrada dá às composições arquitectónicas essa viril solidez a que tende sempre a arquitectura do nosso país.”⁷⁹ Os 500 lugares sentados dividem-se por dois níveis, no piso térreo e no balcão. A distribuição da assembleia em leque sobre o santuário, que ocupa um dos ângulos do quadrado, é fundamental para a leitura do “grande espaço da nave, único, de sentido circular”, que procura a proximidade e a participação dos fiéis nos actos litúrgicos, em sintonia com as linhas de orientação (re)afirmadas no Concílio Vaticano II.

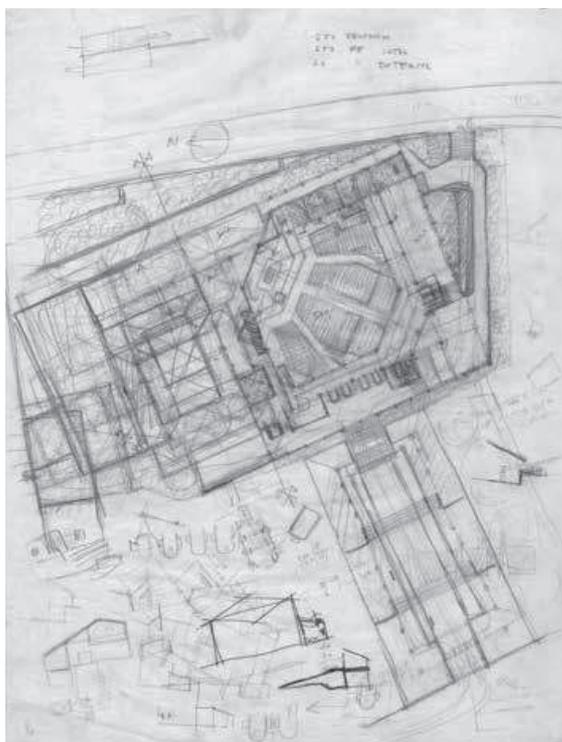
75 TÁVORA, Fernando. “Memória descritiva e justificativa”, in *Igreja Paroquial Senhor dos Mares, Ante-projecto*, Janeiro 1966. FIMS-SI-FTávora.

76 Ibidem.

77 Ibidem.

78 Convento das Irmãs Franciscanas de Calais, Gondomar, 1961-71.

79 CHECA GOITIA, Fernando. *Invariantes Castizos de la Arquitectura Española*. Madrid: Dossat, 1947, p. 48. FIMS-SI-FTávora. Fernando Távora adquiriu o livro *Invariantes Castizos de la Arquitectura Española* a 8 de Março de 1950 em Madrid. “(...) la proporcion cuadrada, merced a la que se logra esa sensacion de calma, de perfecto reposo. La proporcion cuadrada presta a las composiciones arquitectónicas esa viril solidez hacia la que tiende siempre la arquitectura de nuestro país.”



10. Igreja Paroquial Senhor dos Mares, planta, Maio 1965

A existência de balcão, com bancos e área livre para 1000 lugares em pé, foi a solução encontrada para dar resposta à afluência variável de fiéis. Desta maneira a dimensão e geometria da igreja garantem a escala e ambiente acolhedores ao longo de todo ano independentemente da procura acrescida em ocasiões festivas e durante a época balnear.⁸⁰

Além da grande rede, usa-se a linha (...)

“E quanto à expressão geral do ante-projecto diremos, para terminar, que procurámos dar forma a uma exigência do programa, que nos feriu desde a primeira hora, quando se refere que a Igreja moderna deve responder às mais nobres necessidade e aspirações dos homens do nosso tempo: “desejo imperioso de vida comunitária; ânsia de verdade e autenticidade, desejo de passar do superficial ao que é central e essencial; ambição de clareza, luminosidade e visibilidade; veemente anelo de silêncio e paz, de calor e segurança.”⁸¹

80 “Quanto à capacidade da Igreja, o Ante-Projecto prevê os valores seguintes: 370 lugares sentados no 1.º piso, mais 130 no balcão que perfaz os 500 lugares sentados pedidos no programa; 1000 lugares a pé no balcão, sendo 500 atrás dos lugares sentados e outros 500 numa bolsa, situada sobre o baptistério, correspondendo este último número ao aumento eventual da população por efeito do afluxo turístico. Os 1000 lugares em pé referidos não incluem a ocupação, ainda que parcial, dos acessos e coxias do 1.º piso, a qual será impossível evitar em dias de grande afluência e garantindo, portanto, um aumento bastante sensível.”

81 TÁVORA, Fernando. “Memória descritiva e justificativa”, in *Igreja Paroquial Senhor dos Mares, Ante-projecto*, Janeiro 1966. FIMS-SI-FTávora.